



## A CONSTRUÇÃO E A MARGINALIZAÇÃO DO BAIRRO MARIA PINHEIRO EM ITABUNA-BA

Priscila Santos da Glória<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo discutir o processo de construção e marginalização do bairro Maria Pinheiro situado na cidade de Itabuna, no sul da Bahia, sob a perspectiva da migração da década de 80 e a urbanização desta cidade. Através da análise de periódicos impressos: *O Diário de Itabuna*, *o Jornal Agora* e *o A Região*; além do auxílio de fontes orais, entrevistas com moradores do bairro Maria Pinheiro. O estudo identificou uma relação entre a migração ocorrida na década de 80 e a urbanização de Itabuna com práticas excludentes do poder público, entre as quais resultou a construção do bairro Maria Pinheiro e as representações negativas sobre este bairro<sup>2</sup>.

**Palavras-chave:** Construção; Marginalização; Maria Pinheiro.

### INTRODUÇÃO

O artigo buscou problematizar a formação do bairro Maria Pinheiro contextualizando este processo com a migração da década de 80, causada pela crise cacaueteira, que influenciou diretamente a urbanização da cidade de Itabuna, percebendo principalmente a relação entre as representações dos migrantes com as práticas do governo municipal e os estereótipos negativos, construídos ao longo dos anos, do bairro. Este estudo compõe uma das problemáticas do projeto de pesquisa em desenvolvimento no mestrado de *História Regional e Local*.

O intuito de pesquisar sobre a construção do Maria Pinheiro nasceu durante o desenvolvimento de minha monografia para a conclusão da graduação em História. A temática foi o processo histórico de um movimento social que atua neste bairro, a *Encantarte*. Seu trabalho objetiva defender sua comunidade, principalmente as crianças, adolescentes e jovens do Maria Pinheiro. Este grupo foi produto das angústias de jovens deste bairro que presenciam o aliciamento de seus amigos para o tráfico e a prostituição.

Nas entrevistas realizadas com os moradores do Maria Pinheiro em minha pesquisa constatei que muitos deles haviam migrado de fazendas e roças de cacau situadas em cidades circunvizinhas a Itabuna. Outros foram removidos de bairros ribeirinhos, quando entre 1980 e 1981 perderam suas casas devido às enchentes. Este fluxo migratório ainda não foi objeto de análises historiográficas que privilegiem este processo e suas implicações sociais.

A pesquisa analisou fontes impressas como os periódicos *Diário de Itabuna*, o jornal *A Região* e o *Agora*, escolhidos por sua circularidade na cidade de Itabuna, enquanto o *Diário de Itabuna* foi o periódico de maior circulação na década de 80, assumiu o seu lugar na atualidade o *Jornal Agora* e o *A Região*. No intuito de enriquecer a pesquisa foram utilizadas algumas fontes orais, as quais compreendem entrevistas com moradores do bairro Maria Pinheiro, realizadas no estudo monográfico citado acima.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local. UNEB-Campus V. Departamento de Ciências Humanas. Licenciada em História pela UESC. E-mail: priumani@yahoo.com.br

<sup>2</sup> O artigo utiliza as noções complementares de práticas e representações do historiador Roger Chartier.



## URBANIZAÇÃO EM ITABUNA: UM BREVE HISTÓRICO

O sul da Bahia alcançou um desenvolvimento econômico significativo com a produção cacaueteira no início do século XX, o qual fomentou o surgimento de vários povoados no interior da Bahia: “Do mesmo passo que as plantações de cacau cresciam, as correntes migratórias se polarizavam e o povoamento só foi aumentando” (SANTOS, 1955, p. 45).

A cidade de Itabuna foi formada a partir dessas correntes migratórias, mas precisamente pela migração de sergipanos para o sul da Bahia. Seduzida por notícias de terras inexploradas a família de Firmino Alves chegou no século XX a região onde hoje se localiza Itabuna e se instalou na margem esquerda do rio Cachoeira. O pequeno povoado que se formou nesta região logo chamou a atenção dos governantes de Ilhéus que o anexou ao seu território, tornando-se a cidade de Itabuna em 1910 (FILHO, 1960, p. 30).

O crescimento e a organização desta cidade são marcados pela presença do Rio Cachoeira que atravessa o município de uma extremidade a outra, além de dividir a cidade em duas partes. Este rio possibilitou a sobrevivência de diversas comunidades ribeirinhas. Em Itabuna, bairros foram formados a partir da presença deste rio, o qual possibilitou trabalhos e meios de sobrevivência a pescadores, lavadeiras e areeiros (ROCHA, 2003, p. 68).

Os moradores dos bairros ribeirinhos como o Conceição e o Banco Raso localizados na margem direita do rio e os subúrbios da Mangabinha e da Bananeira situados na margem esquerda, enfrentaram dificuldades em situações extremas do Cachoeira ao longo dos anos. Quando não chovia na região, a estiagem impossibilitava a pesca; e quando aumentava o índice pluviométrico às chuvas se tornavam incessantes, havia enchentes e destruição.

O centro urbano se formou no lado esquerdo do rio Cachoeira onde se estabeleceu a principal avenida comercial de Itabuna a Cinquentenário, na qual até 1970 funcionavam lojas comerciais de diversos setores e os bancos, além da rede de hotelaria e o prédio da administração pública. Ao longo da década de 80, as atividades comerciais procuraram novos espaços, ultrapassando o referido centro urbano. A prefeitura municipal, por exemplo, deslocou-se para um bairro distante do referido centro, o São Caetano, no ano de 1999 (ROCHA, 2003, p. 81-83).

O bairro São Caetano ganhou destaque na década de 1980 com a constituição de escolas estaduais, a construção do Estádio Luiz Viana Filho e da Vila Olímpica, tornou-se também um referencial comercial com suas lojas e uma feira livre. À medida que o São Caetano se expandiu, outros bairros periféricos surgiram em seu contorno o Gogó da Ema, Pedro Jerônimo, Daniel Gomes e o bairro Mario Pinheiro.

Um dos fatores da expansão das periferias em Itabuna, principalmente durante a década de 80, foi o crescimento da população, a qual saiu das lavouras cacaueteiras por causa da crise do cacau e buscou em Itabuna uma alternativa de emprego e/ou melhores condições de vida. O significativo aumento populacional gerou o crescimento desordenado desta cidade, pois esta não apresentava uma infra-estrutura para receber tal contingente.

É necessário ressaltar que o crescimento desordenado de Itabuna não foi resultado da ausência de planejamento urbano. Segundo Gilmar Trindade (2002, p.37) na década de 80 existia projetos urbanísticos, inclusive leis municipais que caracterizavam áreas impróprias para habitações. Porém havia uma descontinuidade destes projetos quando ocorriam transições do governo municipal. Por exemplo, a lei municipal nº1324 de 20/12/1984 desautorizava habitações em áreas com vulnerabilidade a intempéries. Trindade (2002, p. 38) citou o exemplo do bairro da Bananeira, foi considerado impróprio para urbanização por esta lei, pois, “situava-se num ambiente de grande insalubridade onde a umidade é acentuada, o acesso é difícil e falta infra-estrutura básica”. No entanto o bairro continua situado na mesma localidade.

Outros exemplos representam a preocupação do poder público em expandir de alguma



forma o meio urbano. Uma área foi desapropriada na vila de Ferradas “para criação de um centro populacional” (ITABUNA, 1980, p. 25), enquanto um imóvel agrícola na vila de Mutuns foi desapropriado e destinado a “execução de planos de urbanização” (ITABUNA, 1981, p. 33).

O jornal *Diário de Itabuna* (OBRAS..., 1985, p. 3) noticiou obras na Av. Beira-Rio no ano de 1984, com o intuito de “desafogar as ruas centrais da cidade, desviar o tráfego pesado da Avenida Cinquentenário, além de proporcionar melhor visual”. Em contraposição, na periferia, no mesmo período, moradores do bairro São Pedro reclamavam a ausência de rede de esgoto (SÃO PEDRO..., 1983, p. 1), os do Alto do Cuscuz, reivindicavam abastecimento de água (MORADORES..., 1983, p. 3) e os do bairro de Fátima iluminação pública (BAIRRO DE FÁTIMA., 1984, p. 1). O governo municipal anunciava obras no centro da cidade, enquanto os bairros periféricos recebiam mais contingente populacional, os migrantes que chegavam a Itabuna na década de 80.

## A EXPERIÊNCIA DA MIGRAÇÃO EM ITABUNA

Da mesma forma que o cacau possibilitou a formação e o desenvolvimento econômico de Itabuna, as crises que prejudicaram a economia cacauzeira influenciaram a urbanização desta cidade. Durante estas crises Itabuna se constituía em principal destino dos trabalhadores rurais expulsos do campo. Quando “as estruturas agrárias se dissolvem; camponeses sem posses (...) afluem para as cidades a fim de nelas encontrar trabalho e subsistência” (LEFEBVRE, 1991, p. 10). Esta pode ter sido uma das explicações centrais para o crescimento populacional e a expansão urbana da cidade de Itabuna na década de 80.

Os cacauicultores do sul da Bahia a partir de 1930 se depararam com as oscilações do mercado nacional e internacional, além de mudanças climáticas e suas intempéries, e das doenças que afetaram as lavouras, especialmente, na década 1980, a podridão parda, ou já no final deste período, a vassoura-de-bruxa (ROCHA, 2006, p. 87). Diante deste quadro os cacauicultores dispensavam parte de seus empregados no período da entre-safra. Muitos trabalhadores rurais quando dispensados buscavam outras propriedades na tentativa de obter melhores salários ou “até mesmo pela perspectiva de tornar-se depois um pequeno agricultor” (SANTOS, 1955, p. 100). Não migravam apenas para as cidades mais próximas, alguns foram para lugares bem distantes como Rondônia, movidos por propostas de trabalho que prometiam altos salários e até mesmo propriedades rurais.

Segundo o *Diário de Itabuna* (TRABALHADRES..., 1984, p. 1) estas promessas eram “ilusórias”, porque eles se deparavam com um “regime de semi-escravidão – baixa remuneração, nenhuma assistência e sujeitos à mais diversas doenças, malária, leishmaniose, etc”. O trabalhador Ivan José dos Santos, casado, pai de cinco filhos e natural de Belmonte havia passado três meses na cidade de Ariquemes em Rondônia. Como os outros fora seduzido por estas propostas tentadoras. Porém ao chegar a Ariquemes trabalhou de domingo a domingo, sem receber pagamento. Ele e sua família passaram fome. Segundo sua esposa, quando decidiu voltar para Bahia, o proprietário das terras o assassinou (TRABALHADOR..., 1984, p. 1).

No final desta década houve um esvaziamento de algumas cidades no sul da Bahia, como Camacã e Uruçuca, nas quais foram encontrados os primeiros focos da vassoura-de-bruxa. Ao passo que Itabuna, Ilhéus e Porto Seguro dobraram sua população (ROCHA, 2006, p. 135). A década de 80 foi o período de intenso crescimento da população itabunense, a qual teve um acréscimo de 31 mil habitantes (IBGE, 1991, p. 349).

Os migrantes que chegaram a Itabuna nos anos 1980 não eram provenientes apenas da zona rural cacauzeira, mas também das demais regiões da Bahia e do Brasil: “A seca que vem



castigando a região do nordeste está fazendo com que aumente a cada dia, a migração de nordestinos, que desesperados (...) estão partindo para vários pontos do país, inclusive Itabuna” (RETIRANTES..., 1983, p. 1).

Segundo Henri Lefebvre (1991, p. 20) “os subúrbios, sem dúvida foram criados sob a pressão das circunstâncias a fim de responder à chegada maciça dos camponeses levados para os centros urbanos pelo êxodo rural”. Porém Lefebvre ressalta que este processo de construção dos subúrbios foi orientado por uma estratégia. Em Itabuna estas estratégias se destacam pelas ações políticas do poder público municipal.

A experiência da migração é constitutiva da própria formação da cidade. Os migrantes, sergipanos, foram enaltecidos como fundadores da cidade e agentes de seu posterior “progresso”, pois chegaram e fundaram a vila de Tabocas, a qual mais tarde se tornou a cidade de Itabuna, mas esta experiência de migração passou por diversas transformações.

Na década de 1980 os migrantes foram representados como uma ameaça ao desenvolvimento de Itabuna. Segundo José D’Assunção Barros (2005, p. 132) as representações são construídas no âmbito social e estão sujeitas a transformações. Nos anos 80 os migrantes levaram as principais ruas de Itabuna a serem identificadas como em estado de mendicância. O “incômodo” gerado pela presença destes migrantes causava reclamações contra o governo. Estes migrantes são estigmatizados nos periódicos. Em 1981 o *Diário de Itabuna* reclamava:

loucos e mendigos infestam a cidade de Itabuna (...) mulheres acompanhadas de dezenas de crianças (...) tomaram a cidade de assalto em busca de esmolas, o que cria um certo clima de constrangimento nos populares sempre assediados pelos pedintes (...) Também problemática nas ruas de Itabuna, é a situação dos loucos, que estão a solta (LOUCOS..., 1981, p. 17)

A notícia aponta representações desumanizadas e estereotipadas dos migrantes. Estas percepções sociais construídas pela imprensa itabunense não são discursos neutros, pois segundo Roger Chartier (1988, p. 17) “as percepções do social produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros que as forjam.”

## **A CONSTRUÇÃO E A MARGINALIZAÇÃO DO BAIRRO MARIA PINHEIRO**

O bairro Maria Pinheiro surgiu em virtude de uma ação do governo municipal. Foi feita em 1980 a desapropriação de uma fazenda improdutiva que pertencia à Firma Pedro Jerônimo Imobiliária Agricultura Comércio e Pecuária Ltda. com a finalidade de executar uma expansão urbana (ITABUNA, 1980, p. 45). Com a enchente de 1981 o poder público municipal removeu pessoas desabrigadas que perderam suas casas em bairros ribeirinhos e as deslocou para este espaço recém ocupado.

A formação do bairro Maria Pinheiro constituiu uma relação conflituosa entre o centro e a periferia de Itabuna, pois a partir das enchentes de 1980 e 1981 as pessoas sem moradia, que circulavam no centro urbano, alguns, originários da zona rural circunvizinha; outros advindos de outras regiões da Bahia e até mesmo de outros estados, “acabaram” no Maria Pinheiro.

Talvez procurassem espaço para construir um “barraco”, ou incomodassem as demais pessoas que viviam e trabalhavam no centro, bem como ao poder municipal. Ao que parece estas enchentes foram um “pretexto” para que o governo municipal afastasse do centro urbano da cidade de Itabuna, os migrantes que chegaram a Itabuna na década de 80, como demonstra o depoimento abaixo:



Depois que agente perdeu nossa casa na enchente de 81, agente ficou morando no Estádio Luizão, então o prefeito mandou agente para o Maria Pinheiro que nem era bairro, tinha poucos barracos e moradores (GLÓRIA, 2007, p. 34)

As representações dos migrantes como mendigos que ameaçavam e incomodavam a população itabunense produziram práticas sociais excludentes, com os quais o poder municipal deslocou estes migrantes para o bairro Maria Pinheiro, neste caso as práticas sociais complementam as representações (BARROS, 2005, p. 132).

Ao passo que o centro urbano de Itabuna se expandia devido à ampliação de suas funções, os bairros periféricos cresciam através das ações dos próprios governantes, com as quais “empurravam” os migrantes para a periferia de Itabuna. Isto provocou a disputa por novos espaços, gerando uma “diferenciação espacial” em Itabuna (ROCHA, 2003, p. 80). Logo a formação de outros espaços periféricos na cidade, como o bairro Maria Pinheiro.

As práticas do governo municipal não configuraram apenas a formação do Bairro Maria Pinheiro, mas também estiveram presentes no seu crescimento. No ano de 1984, o prefeito Ubaldo Dantas, e o Secretário de Viação de Obras, Ronald Kalid anunciaram a transferência dos moradores da Favela do Bode, localizada atrás do Centro Comercial, onde funcionava a maior feira livre de Itabuna. O intuito era expandir o Centro Comercial e a Favela do Bode impedia esta expansão (FAVELA..., 1984, p. 1).

E para onde seriam deslocados os moradores da Favela do Bode? Para o Maria Pinheiro! Esta era a intenção do citado Secretário que garantiu que não “pretendia criar uma favela no bairro Maria Pinheiro, porque essa não era uma boa solução”. Ainda segundo ele, os moradores da Favela do Bode deveriam aceitar o deslocamento sem reclamações, pois aquele bairro reunia plenas condições de moradia (MARIA PINHEIRO, 1984, p. 1).

Cerca de um mês depois o *Diário de Itabuna* parece contrapor os argumentos do Secretário “(...) tendo hoje cerca de 2 mil habitantes, aquele bairro [Maria Pinheiro] ainda não dispõe de infra-estrutura capaz de garantir melhores condições de vida a homens mulheres e crianças” (BAIRRO, 1984, p.1). Os moradores da Favela do Bode resistiram, outros aceitaram o deslocamento, no entanto a favela permaneceu no mesmo local. Ao que parece, deslocar pessoas para o Maria Pinheiro era uma solução para resolver qualquer excesso populacional e instrumento de interferência no plano urbanístico de Itabuna.

As práticas excludentes do poder hegemônico em Itabuna produziram conseqüências na vida dos moradores do bairro Maria Pinheiro, as ações do governo municipal geraram novas representações: “As representações do mundo social (...) são sempre determinadas pelos interesses de grupos dominantes” (CHARTIER, 1988, p. 27).

Estes moradores nos dias atuais se confrontam com uma miríade de problemas sociais resultante das representações veiculadas, pelos meios de comunicação, que constroem um estereótipo “negativo” sobre o bairro. Representações negativas que caracterizam o bairro Maria Pinheiro como “perigoso” e “violento” permeiam a sociedade itabunense:

Os ladrões implantaram no bairro um clima de terror, medo e violência em que prevalece o silêncio das vítimas que temem retaliações das quadrilhas. O número de assaltos e roubos a residência cresceu nos últimos meses e a situação é tão dramática que muitos imóveis estão a venda por preços abaixo do mercado, mas ninguém arrisca em investir no bairro. (MARGINAIS, 2003, p.9)

A violência, neste caso, emerge da discriminação expressada na “construção de estereótipos que rotulam jovens pobres, que compartilham o local de moradia com quadrilhas do



tráfico de drogas, como criminosos em potencial” (ZALUAR *apud* ESCOREL, 1999, p. 130). Logo estas representações geraram novas práticas discriminatórias como o preconceito social. Pesquisa feita pela *Encantarte* revelou o preconceito contra os moradores do bairro que para entrar no mercado de trabalho chegam a omitir seu endereço de residência:

Uma das situações identificadas pela pesquisa foi exatamente o receio dos moradores em dizer que são do Maria Pinheiro (...) quando vão pedir emprego. Nada menos que 80% dos entrevistados disseram que não revelam residir no bairro, temendo o preconceito do eventual empregador. (JOVENS..., 2002, p. 3)

Conforme Antonio Arantes Neto (2000, p. 121), o espaço urbano “é cotidianamente trilhado [estão] sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que (...) ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações”. No centro urbano da cidade de Itabuna se encontra a maior parte do comércio de Itabuna e oportunidades de emprego. Os moradores da periferia “precisam” ocupar este centro, onde são marginalizados.

Os moradores do Maria Pinheiro têm medo da discriminação, principalmente quando esta é praticada pela polícia. “Já no início deste século os morros da cidade eram vistos pela polícia e alguns setores da população como locais perigosos e refúgios de criminosos” (ALUITO, ZALUAR, 1999, p.10). O depoimento abaixo demonstra o poder destas representações:

nossos moradores muitas vezes não podiam sair à noite pelo centro da cidade que eram abordados pela polícia, como já aconteceu também comigo, de estar ali no centro da cidade (...) e ser abordado pela polícia que me corrigiu naturalmente. Só que depois um dos policiais me perguntou onde eu morava. Eles já estavam indo embora (...) Aí, quando eu disse que morava no Maria Pinheiro, todos os policiais voltaram e, dessa vez, me agrediram (...) e perguntavam o que uma pessoa do Maria Pinheiro estava fazendo no centro da cidade uma hora daquela (GLÓRIA, 2007, p. 329)

Esta fala revela também como os moradores são excluídos do centro urbano da cidade de Itabuna. Ainda Segundo Arantes Neto (2000, p. 149) a relação centro-periferia ganha “nova paisagem de segregação” na década de 80, pois as pessoas da periferia passam a ocupar cada vez mais o centro gerando, “em nome do combate ao crime e a violência urbana”, um maior controle de vigilância representado tanto pela repressão policial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do bairro Maria Pinheiro foi analisada como prática excludente do poder público municipal de Itabuna, o qual por meio da desapropriação excluiu do centro urbano os migrantes que chegaram a Itabuna na década de 80. Estas práticas resultaram das representações negativas destes migrantes veiculadas pelos periódicos que os identificaram como mendigos e empecilhos ao desenvolvimento econômico de Itabuna.

Logo as práticas do governo municipal produziram novas representações acerca do bairro Maria Pinheiro, representado como “violento” e “perigoso”. Estas representações por sua vez geraram novas práticas discriminatórias nas quais, destaca-se o preconceito e uma nova exclusão dos moradores do centro urbano da cidade de Itabuna. O estudo identificou uma circularidade entre as práticas excludentes e as representações que vincula o processo de migração em Itabuna com a formação e a marginalização do bairro Maria Pinheiro.



Novas questões foram levantadas que necessitam de novos estudos como a repressão policial enfrentada pelos moradores do bairro Maria Pinheiro, os quais retratam a violência neste contexto.

## REFERÊNCIAS

- ALUITO, Marcos; ZALUAR, Alba.(Orgs.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- ARANTES NETO, Antônio Augusto. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campina, SP: Editora da Unicamp, São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- BAIRRO, está abandonado. **Diário de Itabuna**. 30 de mai. De 1984. Ano XXVI. Nº5.293, p. 1.
- BAIRRO DE FÁTIMA, tem muitos problemas. **Diário de Itabuna**. 31 mai. De 1984. Ano XXVI. Nº 5.294, p.1.
- BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. In: **Revista Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v.9, n.1, 2005.
- CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1988.
- SCOREL, Sarah. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.
- FAVELA, do Bode será desativada. **Diário de Itabuna**. 13 de ab. de 1984. Ano XXVI. Nº 5.264, p. 1.
- FILHO, Carlos Pereira. **Terra de Itabuna**. Rio de Janeiro: ELOS, 1960.
- GLORIA, Priscila Santos. **Encantarte: uma análise histórica**. 2007. 55f. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2008.
- IBGE. Secretária de Planejamento da Presidência da República. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento Geral do Brasil**. 1980 e 1990. Bahia. IBGE: Rio de Janeiro, 1991.
- JOVENS, omitem condição de moradores do Maria Pinheiro. **A Região**. Itabuna, 16 fev. 2002. Ano XV nº 749.
- ITABUNA. Decreto nº3.290 de 10 de março de 1980. Estabelece desapropriação de terras e dá outras providências. **Jornal Oficial do Município de Itabuna**.
- ITABUNA. Decreto nº3.292, 26 de julho de 1980. Estabelece desapropriação de terras e dá outras providências. **Jornal Oficial de Itabuna**.
- \_\_\_\_\_. Decreto nº3.362, 21 de agosto de 1981. Estabelece desapropriação de terras e dá outras providências. **Jornal Oficial de Itabuna**.



LEFEBVRE, Henri. **O Direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LOUCOS, e Mendigos infestam a cidade. **Diário de Itabuna**. 17 jun. de 1981. Ano XXIV. Nº 4.660.

MARGINAIIS, impõem terror no Maria Pinheiro. **Jornal Agora**. Itabuna, 4 mar. 2003. Caderno Geral, p. 9.

MARIA PINHEIRO, não será favela. **Diário de Itabuna**. 14 de ab. de 1984. Ano XXVI. Nº 5.265, p. 1.

MORADORES, do Alto do Cuscuz querem água. **Diário de Itabuna**. Ano XXVI. Nº 5.271. 26 ab. 1983, p.3.

OBRAS, da Beira-Rio estarão prontas no Dia da Cidade. **Diário de Itabuna**. 27 jun. de 1984. Ano XXVI. Nº 5312. p. 3.

RETIRANTES, chegam a Itabuna. **Diário de Itabuna**. 22 jan. de 1983. Ano XXVI. Nº 5.038, p. 1.

ROCHA, Lurdes Bertol. **O centro da cidade de Itabuna: trajetória, signos e significados**. Ilhéus: Editus, 2003.

\_\_\_\_\_. **A região cacauzeira da Bahia: Uma abordagem fenomenológica**. Aracaju, 2006. 290 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe.

SANTOS, Milton. **Zona do cacau: Introdução ao estudo geográfico**. Salvador: Artes Gráficas, 1955.

SÃO PEDRO, reclama ação do governo. **Diário de Itabuna**. 17 out. de 1983. Ano XXVI. Nº 5.376, p. 1.

TRABALHADOR, rural levado a Rondônia é assassinado para não retornar. **Diário de Itabuna**. 06 ab. de 1984. Ano XXVI. Nº 5.259, p. 1.

TRABALHADORES, da região cacauzeira estão sendo aliciados para Rondônia”. **Diário de Itabuna**. 21 jan de 1984. Ano XXVI. Nº 5.217, p.1.

TRINDADE, Gilmar Alves. **A participação das associações de moradores na produção/gestão do espaço urbano em Itabuna**. 2001. 113 F. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.